

ESTRATÉGIAS, PACTOS POLÍTICOS E O FUTURO

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Folha de S. Paulo, 01.12.1978

Os momentos de redefinição dos pactos políticos são em princípios momentos de crise. São momentos em que as classes e grupos sociais reestruturam sua participação no poder. Enquanto alguns grupos vêem seu poder aumentar, outros são excluídos ou marginalizados. E é claro que essas transformações não ocorrem tranqüilamente. Refletem o desenvolvimento da base econômica e social das diversas classes, mas refletem também suas estratégias, sua agressividade ou passividade, sua capacidade de cooptar as classes ou frações de classe colaterais, as classes dominadas e os indiferentes.

No Brasil, a partir de 1974, tudo indica que entramos em um desses períodos de transição e de crise. O pacto político firmado entre a tecnoburocracia civil e militar e a burguesia local, com o beneplácito ou sob a égide das empresas multinacionais, entra em convulsão. E a partir do “pacote de abril” de 1977 a crise se agudiza. Transforma-se em colapso à medida que o autoritarismo militar ou que a tutela tecnoburocrática vão se tornando crescentemente insuportáveis para a burguesia.

Isto não significa, entretanto que o pacto político tecnoburocrático-capitalista-multinacional tenha definitivamente se rompido. Para que isto ocorresse seria necessário, primeiro, que substanciais modificações houvessem ocorrido na base econômica e social. Em outras palavras, seria preciso que a estrutura de classes do país houvesse passado por alterações significativas. Segundo, seria preciso que os representantes políticos das classes frações de classes de ascendentes houvessem sido capazes de desenvolver estratégias suficientemente envolventes e agressivas, a ponto de fazer com que as alterações de base econômica e social se refletissem no sistema de poder político e, portanto no controle do Estado. Observe-se que esta segunda condição deixa claro que, na análise de médio ou curto prazo histórico que estamos realizando, não há uma necessária correspondência entre a base econômica e social e a superestrutura política. A longo prazo os dois níveis da sociedade tendem a coincidir. Mas não apenas a curto mas também a médio prazo a influência das estratégias políticas

grupais ou mesmo individuais pode ser decisiva. Terceiro para que um pacto político entre em colapso definitivo é preciso obviamente que um novo pacto o substitua.

No Brasil, sem dúvida ocorreram alterações significativas na base econômica e social. Houve um enorme crescimento econômico no Brasil nos últimos vinte anos. Em 1958 o pacto populista, firmado entre a burguesia industrial, os trabalhadores, a tecnoburocracia ascendente e alguns setores da oligarquia agrária mercantil decadente começava a entrar na crise que teve seu desenlace em 1964. Depois disso o poder econômico da burguesia e da tecnoburocracia só aumentaram. Enquanto a burguesia acumulava capital de forma crescente, em pequenas, médias e grandes empresas, a tecnoburocracia aumentava seu controle sobre os instrumentos de produção e de comando, à medida em que se expandiam as organizações burocráticas, à medida em que empresas se burocratizavam e que o Estado intervinha de forma cada vez mais decidida nas atividades de produção e regulação econômica e social.

Estas alterações poderiam, em princípio, fortalecer o pacto tecnoburocrático-capitalista firmado em 1964. Entretanto, na medida em que a burguesia via seu poder econômico aumentar, ela percebia que sua participação no pacto político não era proporcional a esse poder econômico. Enquanto que economicamente a burguesia é claramente a classe dominante, politicamente ela vem desempenhando o papel de classe tutelada, cabendo o papel de classe dirigente à tecnoburocracia.

Por outro lado, uma outra alteração básica no quadro econômico e social do país, nestes últimos vinte anos, foi o enorme crescimento da classe trabalhadora. O número de trabalhadores urbanos triplicou nesse período. E ainda que sua organização e consciência de classe sejam embrionárias, dada a permanente repressão, não há dúvida que houve progressos significativos. O apoio dado ao MDB em 1974 e as greves e manifestações de líderes operários em 1978, são claras indicações deste fato. Em consequência, a formulação de qualquer pacto político sem a participação dos trabalhadores agora é precária. Sua ilegitimidade torna-se imediatamente manifesta. Em 1964 foi possível excluir os trabalhadores radicalmente de qualquer participação no poder, dada a conjuntura de crise, que permitiu à direita e a tecnoburocracia convencer a burguesia da iminente subversão comunista. Hoje já não há mais clima para esse tipo de mistificação.

Foi a verificação destes fatos por parte da burguesia ao mesmo tempo em que fim do “milagre econômico” provocava a redução nas taxas de lucro, que levou ao colapso o pacto político tecnoburocrático-capitalista. Este colapso, entretanto, poderá ter maior ou menor dimensão, na medida em que houver uma efetiva mudança de poder político. E esta mudança depende fundamentalmente das estratégias desenvolvidas pelos líderes políticos das classes e frações de classe.

Os líderes políticos assim como os intelectuais orgânicos obviamente não constituem uma classe social. São simplesmente os representantes, os porta-vozes ideológicos e os instrumentos políticos das classes e grupos sociais. O líder político, em uma formação social capitalista clássica, é, em princípio, um representante da burguesia. Tem geralmente origem na média burguesia, embora por motivos óbvios tende a falar em nome e defender os interesses da alta burguesia. Os políticos da Arena, mais do que os do MDB, têm claramente esse caráter. O Brasil, entretanto, já não é mais uma formação social capitalista pura. Os elementos tecnoburocráticos ou estatais crescentes são de tal forma marcantes no Brasil que já permitiram a emergência de um agrupamento social com suficiente massa crítica para se constituir em uma nova classe social: a tecnoburocracia. Os líderes políticos também podem representar a tecnoburocracia, embora esta, em sua fração estatal, não esteja muito habituada à representação política parlamentar, nem acredite muito nesse tipo de representação, seja devido ao fato de seus membros já estarem inseridos no aparelho estatal, seja devido as suas tendências autoritárias. Os militares, que são tecnoburocratas por excelência, tendem a se fazer representar diretamente no poder, através do controle dos cargos executivos inclusive fora das forças armadas. Finalmente temos líderes políticos representativos dos trabalhadores. São em princípio minoria. No Brasil, onde os trabalhadores têm sido sistematicamente excluídos de qualquer participação política, os representantes políticos dos trabalhadores são definitivamente minoria. O MDB é um partido constituído majoritariamente por representantes da burguesia, especialmente da média burguesia, mas conta também com representantes da média tecnoburocracia estatal e privada e com representantes dos trabalhadores.

Na presente crise política, o pacto tecnoburocrático-capitalista dependente poderá ou poderia chegar a um colapso total na medida em que o MDB venha assumir o poder. Ora, isto depende principalmente da capacidade estratégica dos líderes do MDB, em seu confronto com a Arena. E o problema fundamental está em saber qual dos partidos será

capaz de assumir de forma mais convincente a representação da burguesia como um todo. A arena tem o monopólio da alta burguesia, mas a média burguesia, menos poderosa economicamente, mas numerosa e politicamente cada vez mais significativa, assim com a média tecnoburocracia podem ser disputadas pelo MDB com vantagem. O segundo ponto está em obter o apoio dos trabalhadores. Quanto a isto, pouca dúvida existe em relação à vantagem do MDB, desde que os trabalhadores tenham um mínimo de consciência de classe.

Nestes termos, na medida em que o MDB é um partido com uma largo espectro ideológico e social, ele poderia encarnar um novo pacto político em formação. Tudo indica, entretanto, que este objetivo não será alcançado a curto prazo, concomitantemente com o fim do Governo Geisel. A escolha do General Euler não conseguiu sensibilizar a burguesia, dada sua origem militar e o apoio que obteve da esquerda. Foi provavelmente um erro de estratégia do MDB o lançamento dessa candidatura, apesar das qualidades pessoais e o firme compromisso democrático do Gen. Euler. A burguesia pretende hoje a restauração da democracia, mas é óbvio que não está disposta a assumir muitos riscos. O comportamento da grande imprensa, especialmente do O Estado de São Paulo e do Jornal do Brasil, dando apoio ao candidato oficial, deixou clara essa tendência. Estes dois jornais são representantes perfeitos da burguesia, patrocinaram a causa da redemocratização, mas no momento da decisão pareceram contentar-se com as reformas governamentais, que, através das salvaguardas e particularmente do conceito de “estado de emergência”, institucionalizam uma ditadura moderada no Brasil.

O lançamento da candidatura Euler, ao invés de um candidato civil, foi patrocinado pelos “autênticos do MDB e por um grupo de militares. Justificava-se estrategicamente apenas na medida em que derrotar no colégio eleitoral o candidato oficial representaria um golpe de estado ainda que legal. Ora, não se dá golpes de estado sem participação militar. Explica-se, assim, o lançamento da candidatura Euler. Mas, dadas as contradições que estavam nela embutidas, torna-se compreensível sua falta de êxito.

Tudo indica, portanto, que uma oportunidade foi perdida pelo MDB, talvez devido a um erro de estratégia. Mas é enganoso pensar que a vitória da Arena ou do Governo seja completa. Pouca dúvida resta que a designação do Gen. Figueiredo para a presidência da República não resolverá a crise política brasileira. O pacto tecnoburocrático-

capitalista entrou em colapso, perdeu sentido histórico, e poucas são as possibilidades de tentar ressuscitá-lo. Se o MDB não foi ainda capaz de assumir a liderança de um novo pacto político, é certo que a Arena tem possibilidades muito menores de fazê-lo. Um partido tão subserviente ao poder como esse não têm condição de aglutinar e veicular os interesses das diversas classes e frações de classe. Não tenho dúvida de que um novo pacto político está em formação no Brasil - um pacto político que amplie as bases de participação das diversas classes, e em particular das camadas médias burguesas e tecnoburocráticas, e dos trabalhadores urbanos. Dependeria da capacidade estratégica dos líderes políticos mais progressistas o êxito desse novo pacto ou seja, a sua transformação em um pacto político hegemônico. E não tenho dúvida que nesse novo pacto o papel dos militares deverá ser ainda importante. À candidatura Euler, coube o papel de restabelecer os laços entre os militares e as camadas médias e baixas de população, ou seja, a média burguesia, a média tecnoburocracia e os trabalhadores. Por isso, o fracasso momentâneo dessa candidatura talvez seja pouco importante. Mais significativas são as sementes por ela lançada para o futuro.(Singular e Plural, 01/12)